



**LEITORES DE
TINTA E PAPEL**

**Elementos constitutivos
para o estudo do público
literário no século XIX**



Alexandro Henrique Paixão

**LEITORES DE
TINTA E PAPEL**

**Elementos constitutivos
para o estudo do público
literário no século XIX**

 **FAPESP**

MERCADO[®]
LETRAS

COROT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paixão, Alexandro Henrique

Leitores de tinta e papel : elementos constitutivos para o estudo do público literário no Século XIX / Alexandro Henrique Paixão. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017. – (Coleção *Histórias de Leitura*)

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7591-442-7

1. Alencar, José de, 1829-1877 2. Dumas, Alexandre, 1802-1870 3. Escritores e leitores 4. Folhetins 5. Grupos sociais 6. Leitores 7. Literatura – Século 19 9. Varella, Fagundes, 1841-1875 I. Título. II. Série.

17-05324

CDD-809

Índices para catálogo sistemático:

1. Público literário : Folhetins : Século 19 : Literatura 809

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

Imagem da capa: Corot, Jean Baptiste Camille (França, 1796-1875)

óleo sobre madeira: *Young Girl Reading*, c. 1868.

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final do autor

Esta obra contou com o
apoio da FAPESP para
a sua publicação.

Processo

2016/07683-4

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JUNHO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Para Anderson

AGRADECIMENTOS

Antes de passar aos agradecimentos, quero fazer algumas considerações iniciais: este livro nasceu da minha tese de doutoramento em sociologia, intitulada *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*, defendida em junho de 2012 na Universidade de São Paulo e retém em grande parte o formato e conteúdo originais. Contudo, houve algumas alterações substanciais que merecem ser destacadas: cito a parte intitulada Rio de Janeiro: 1852-1854, que não contempla mais o estudo do público literário de Manuel Antonio de Almeida e as *Memórias de um sargento de milícias*, que foi reorientado e transformado em um artigo publicado na revista *Pro-Posições* (2016), e os Anexos, que sofreram algumas alterações, sobretudo, nos “Quadros 2a, 2b, 5 e 6”. Cuidei também de revisar e rescrever alguns “momentos” do trabalho e reelaborar algumas proposições, mas ficaram conservados o fio condutor, o método e as conclusões originais.

Há um pequeno artigo na *Revista da Anpoll* (2015) extraído do Preâmbulo acerca da discussão das transferências culturais e versões concisas da parte dedicada ao Gabinete Português de Leitura, uma na revista *Escritos V* (2011), da Fundação Casa de Rui Barbosa e duas outras nos livros do Projeto Temático “Circulação Transatlântica dos Impressos”, organizado por Marcia Abreu e intitulados *Romances em movimento* (2016) e *The Transatlantic Circulation of Novels Between Europe and Brazil, 1789-1914* (2017). Fragmento dessa mesma parte, centrado no estudo do Liceu Literário Português, foi desenvolvido e sairá num livro organizado por Giselle Venancio, Maria Secreto e Gladys Ribeiro, intitulado *Cartografia da Cidade (In)Visível: setores populares, cultura escrita, educação e leitura no Rio de Janeiro* (2017), dedicado à cartografar os (in)visíveis no Rio de Janeiro oitocentista. Das partes dedicadas à crônica-folhetim e Fagundes Varela, o leitor encontra uma versão parcial no livro *Cronistas brasileiros do século XIX: folhetins, crônicas e afins* (2010), organizado por Antonio Manoel dos Santos Silva. Apresentei também o trabalho em diferentes eventos acadêmicos, cujo resultado pode ser encontrado em artigos e opúsculos publicados em anais de Congressos e/ou Seminários (impressos e on-line), merecendo destaque o material que será publicado em livro como resultado do Seminário Internacional “Atualidade da periferia” (2015), dedicado a repensar a tese da “penúria cultural” de Antonio Candido com base em pesquisas de novas fontes literárias e históricas relacionadas à questão do público literário e à educação popular oitocentista.

Essas situações merecem ser recordadas porque contribuíram para a revisão da pesquisa e elaboração *a posteriori* deste livro. Portanto, o estímulo para organizar este livro nasceu nessas ocasiões e também em encontros com parceiros de pesquisa, professores, colegas e amigos. Minha memória se acende e penso nos inúmeros nomes e situações enquanto escrevo estas linhas. Nesse instante, um sentimento de gratidão se apresenta, conjuntamente com uma vontade de tentar registrar no papel todos os encontros frutíferos de interlocuções; mas

preciso conter essa emoção, porque não há espaço para representá-los aqui, na verdade, nem mesmo a memória mais vivaz conseguiria reviver as diferentes situações e lembrar de todos os envolvidos num oceano de acontecimentos. Por isso, sou grato àqueles que ajudaram a realizar este trabalho desde o início, amigos, colegas e familiares.

Não obstante, gostaria de citar alguns nomes nestes agradecimentos em respeito ao envolvimento direto com a feitura do livro. Obrigado à banca examinadora da tese – Nelson Schapochnik, Sandra Vasconcelos, Angela Alonso e Pedro Meira – pelos comentários e críticas valiosas, que tentei, na medida do possível, incorporar aqui. Agradeço as intervenções e opiniões tão apuradas sobre o texto provenientes da leitura de Atilio Bergamini e Leandro Thomaz de Almeida. Esse último, não somente leu e comentou meu texto, como me ajudou com a tradução do prefácio. Obrigado Márcia Abreu e integrantes do projeto “Circulação Transatlântica dos Impressos” pela interlocução durante o pós-doutorado no IEL/Unicamp (2013/2014) e até ao presente momento. Agradeço ao Real Gabinete Português de Leitura e a todos os arquivos e acervos, bem como os funcionários e bibliotecários que me receberam nos anos de pesquisa e também durante a preparação deste trabalho. Obrigado ao CNPq, à CAPES e à Fapesp pelas bolsas de pesquisa (doutorado, doutorado sanduíche e pós-doutorado, respectivamente). Obrigado a Leopoldo Waizbord (orientador do doutorado) e a Jean-Yves Mollier (orientador no estágio de doutorado na França), a quem também agradeço pelo prefácio, e à Márcia Abreu (supervisora do pós-doutorado) e pelas respeitadas palavras na contracapa. Agradeço ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, ao Departamento de Teoria e História Literária do IEL/Unicamp, e à Faculdade de Educação/Unicamp, particularmente ao Departamento de Ciências Sociais na Educação onde, por fruto do trabalho docente e de pesquisa atuais, nasceram novas interlocuções e estímulos para a publicação do livro. Agradeço a João Gabriel Trevisan por me auxiliar na formatação das fontes e referências para publicação do livro e a um leitor anônimo, um parecerista *ad hoc*, que ao ler o subtítulo “Os leitores de tinta e papel (leitor visado)”, nos últimos momentos do trabalho dedicados aos leitores em São Paulo, sugeriu o título deste livro: “Leitores de Tinta e Papel”. E um agradecimento especial à minha amada avó Rozaria (*in memoriam*), aos gatitos Pedro Almodóvar e Capitu, pelo encontro sincero e o carinho compartilhado, à Bel Loureiro, pela aprendizagem constante e amizade, e à Maíra Thomé Marques, por me revelar, nas palavras de Valter Hugo Mãe (A desumanização), que “Quem tem filhos, precisa do futuro”.

É com todos vocês e com aqueles que não foram citados, mas existem “sob a pele das palavras”, que compartilho esse momento de realização do trabalho, e assumo a inteira responsabilidade pelos sinceros impulsos, cesuras e imprecisões que ainda possam existir no texto.

Por fim, agradeço, carinhosamente, ao Anderson, meu companheiro em todos os momentos. A você a duração desses dias.



PREFÁCIO	11
<i>Jean-Yves Mollier</i>	
INTRODUÇÃO	15
<i>Pressupostos e fronteiras</i>	15
PREÂMBULO: RIO DE JANEIRO, 1827-1861	25
<i>As transferências culturais</i>	25
<i>Emigração e uma feição da imprensa do Rio de Janeiro</i>	30
<i>Alexandre Dumas no Jornal do Commercio</i>	33
<i>Alexandre Dumas no Correio Mercantil</i>	38
<i>Alexandre Dumas e a circulação do livro em livrarias e gabinetes de leitura</i>	45
RIO DE JANEIRO, 1860-1870	53
<i>Frequência do público consumidor (1860-1870)</i>	62
<i>Características do público consumidor</i>	66
<i>Escritor e romance (1858-1868)</i>	95

RIO DE JANEIRO, 1854	133
<i>Crônica-folhetim</i>	134
<i>Cenas epistolares</i>	140
<i>O tipo social do público leitor da Crônica de Alencar</i>	182
SÃO PAULO, 1866-1867	187
<i>Crônica inaugural e o leitor ficcional (comentário textual)</i>	191
<i>Os leitores de tinta e de papel (leitor visado)</i>	212
CONCLUSÃO	281
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	287
ANEXOS	315



REFÁCIO

A grande questão que Alexandro Henrique Paixão lança neste ensaio é a da exposição dos elementos que permitem estudar a formação do público literário brasileiro no século XIX. Aposta ambiciosa, pois se trata de localizar entre a massa de documentos produzida nessa época fundadora aqueles que se revelam os mais significantes para esse estudo. Proveniente de uma tese de doutorado em sociologia defendida na Universidade de São Paulo em 2012, essa pesquisa foi amparada por uma longa estadia na França, na Universidade de Versailles en Saint-Quentin-en-Yvelines, onde o autor foi comparar as hipóteses que havia formulado no Brasil com uma outra realidade, aquela de um país que viu nascer e se afirmar o romance-folhetim antes que ele se espalhasse pela Itália, Espanha e Portugal, e, depois, pelo resto do mundo, aí compreendidos China e Austrália e, naturalmente, o Brasil. Essa viagem não foi escolhida por acaso e o leitor se convencerá de sua necessidade observando a lista dos romances franceses presentes nos catálogos do *Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*, tanto em 1858 quanto em 1868. No coração do reinado de Dom Pedro II, Alexandre Dumas pai é o autor principal e, se em 1868, um escritor português – e não o menor deles, porque se trata do autor de *Mistérios de Lisboa*, Camilo Castelo Branco! – ascende ao quarto lugar entre os autores mais representados nesse acervo literário, ele o faz em detrimento de Victor Hugo e do Visconde d’Arlincourt, que ele ultrapassa doravante, mas sem chegar a roubar de Dumas pai, Eugène Sue e Paul de Kock a supremacia.

Um número, aliás, é suficiente para ilustrar essa esmagadora dominação dos romancistas franceses na capital imperial em 1868: os três, Alexandre Dumas, Eugène Sue e Paul de Kock totalizam 611 volumes presentes no *Gabinete de Leitura* do Rio, contra 49 de Camilo. Acrescentemos imediatamente que os autores britânicos e americanos – Walter Scott, Ann Radcliffe e Mark Twain – estão longe de competir em pé de igualdade com seus concorrentes franceses, e que as duas sondagens efetuadas em 1858 e 1868 refletem essa realidade de uma presença avassaladora dos romancistas franceses nesse fundo tão apreciado pelos cariocas. Outros anexos fornecidos por Alexandro Paixão permitem que se tenha uma ideia do conteúdo dessa biblioteca associativa quanto a um gênero em particular: ela possuía mais de 1600 volumes de romances, e ainda 300 a 400 obras de poesia e 200 reservadas ao teatro, um conjunto no qual a literatura preenchia 55% do espaço disponível, sendo o resto devotado à história – 25%, ao direito – 15%, e à medicina – os 5% restantes. Como se vê, um gabinete de leitura – e existiam outros à época, como em Belém do Pará e São Luís do Maranhão – era ao mesmo tempo um círculo em que se podia ler jornais e revistas, uma biblioteca em que se encontrava livros publicados tanto em português quando em francês, inglês, alemão, espanhol e italiano, e um lugar de sociabilidade que favorecia as trocas entre pessoas do mesmo mundo. Menos burgueses e menos aristocráticos que os círculos militares e as associações de negócios, eles eram abertos aos artesãos e aos comerciantes, aos imigrantes possuidores de uma certa renda e a todos aqueles que aspiravam ascender em uma sociedade em plena mutação, senão recomposição, nas três últimas décadas do Império.

Após haver mencionado, na introdução de seu estudo, a onipresença de Alexandre Dumas pai na imprensa brasileira do tempo, notadamente no *Jornal do Comércio* e no *Correio Mercantil*, em seguida nas bibliotecas públicas e privadas e no Real Gabinete Português de Leitura do Rio, Alexandro Paixão procura identificar com precisão o público capaz de se interessar pelos folhetins publicados nos jornais e pelo empréstimo de volumes disponíveis no gabinete de leitura a fim lê-los e discutir suas impressões com os outros associados. É esse primeiro momento que constitui, aliás, o objeto mesmo da tese de sociologia, porque se trata de convencer o leitor atual de que se pode, com as ferramentas apropriadas, recuar no tempo e se aproximar da realidade tanto sociológica quanto psicológica

do leitorado brasileiro dos anos 1850-1870. A estatística evidentemente diz alguma coisa sobre os gostos literários e o sucesso extraordinário que o romance então conhece e, nesse imenso universo, o romance-folhetim. Falando do imaginário melodramático, um pesquisador norte-americano, Peter Brooks, tentou compreender as razões da predominância de obras como *Le Comte de Monte-Cristo*, *Les Misérables* ou *Les Mystères de Paris, de Londres ou de Lisbonne*, antes que as aventuras de Huckleberry Finn ou os romances de pradaria caros a Fennimore Cooper comecem a substituir aqueles que os haviam precedido. Relendo as cartas enviadas pelos moradores do Rio de Janeiro, Alexandro Paixão lança mão de informações que lhe permitem recompor em parte o universo mental dos brasileiros leitores de Dumas ou de Camilo Castelo Branco.

Os dois momentos consagrados ao Rio de Janeiro e a São Paulo autorizam uma visão minuciosa das preocupações higiênicas, médicas, sociais e políticas dos moradores em contato com realidades complexas, aquelas de uma sociedade que ainda não aboliu a escravidão mas na qual a burguesia comercial procura se emancipar do peso de antigas elites. A leitura não é então vivida somente como uma evasão do cotidiano no sonho, mas, antes, como lugar em que se trocam experiências com o que está acontecendo em outros continentes, particularmente na Europa. Sabemos disso graças à publicação das cartas recebidas por Eugène Sue quando ele publicava nos jornais os episódios que deveriam compor o romance intitulado *Les Mystères de Paris*. Muitos de seus leitores dialogavam com ele como se fosse o príncipe Rodolphe, o personagem central do romance, e como se fosse um autêntico reformador social preocupado com o bem público. Aliás, seu engajamento ulterior e seu apoio a uma República social em 1850 foram em parte o resultado dessas trocas e da recepção de sua obra, que modificou o curso de sua vida. Do mesmo modo, no Rio ou em São Paulo, os leitores brasileiros, instalados há muito tempo ou recém imigrados, extraem de suas leituras uma parte nada desprezível de sua visão dos problemas e das soluções que sua sociedade encontra. Como em Montevidéu, que dá, nesse mesmo momento, o nome de Alexandre Dumas a seu orfanato de crianças abandonadas, a leitura é para os brasileiros um elemento essencial de formação da consciência cívica, e o romance, senão mais que o livro de história ou de direito, contribui para isso, o que não viram os teóricos da Escola de Frankfurt, os quais, nos

anos 1930, denunciavam a alienação resultante do consumo dos produtos das indústrias culturais.

Longe de se prender a essa tese já abandonada, graças aos trabalhos de pesquisadores britânicos próximos de Richard Hoggart e de E. P. Thompson e aos *cultural studies* que os acompanharam, Alexandre Paixão se esforça em compreender os gostos literários dos cariocas dos anos 1850-1870, associando suas preferências estéticas às escolhas da sociedade. Unindo dessa forma, com felicidade, abordagem das ideologias do tempo e estudo dos lazeres das classes médias, ele propõe ao leitor do século XXI um retrato admirável do Brasil da segunda metade do século XIX. Apoiando-se nos trabalhos de Márcia Abreu, Nelson Schapochnik, Sandra Vasconcelos e de outros pesquisadores brasileiros que, antes dele, utilizaram os arquivos do Real Gabinete Português de Leitura do Rio, ele acrescenta sua própria análise das realidades sociológicas de um país em construção, onde o imaginário dos imigrantes contribui fortemente na mudança de percepção dos nativos. A problemática das transferências culturais é, inclusive, utilizada aqui para iluminar esses confrontos de universos mentais diferentes e, no entanto, capazes de se fundir em um imaginário brasileiro em grande parte mestiço a partir de elementos extraídos aqui e ali, na leitura de jornais e de livros, no debate de ideias ou na disputa política. Agradecemos ao autor deste livro, graciosamente bem intitulado *Leitores de tinta e papel*, por ter composto um retrato surpreendente de um público literário em formação no Brasil do século XIX.

Jean-Yves Mollier

Centre d'histoire culturelle des sociétés contemporaines
Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines

SINTRODUÇÃO

“Nada é mais difícil e mais amargo que escrever sem a esperança de haver leitores.”

Shelley¹

Pressupostos e fronteiras

Numa sociedade em que a grande maioria da população era analfabeta e contava com uma parcela significativa de homens e mulheres escravizados, como no Brasil do Segundo Reinado, a expressão “público literário”, em sentido sociológico, parece dizer respeito somente às camadas dominantes, como a elite letrada brasileira, pois se supõe que era a única que possuía condições estruturais necessárias, como educação e bens de propriedade, para dar suporte à literatura existente. Mas, ao pesquisar dados a respeito da frequência de leitores num gabinete de leitura do Rio de Janeiro entre 1860 e 1870, encontrei uma situação diferente. Essa experiência, entre outras que este livro procura retratar, indicou que houve público para além dos círculos dirigentes, e essas evidências me estimularam a repensar a assertiva de que somente uma camada social podia usufruir de parte da produção literária que circulou no Brasil imperial.

1. Shelley *apud* Schücking 1931[1960, pp. 70-71].

Devo dizer, de saída, que o público encontrado não representava, inteiramente, o “povo”, nem pertencia em sua totalidade à Corte imperial. Talvez pudéssemos falar de um estrato médio em gestação,² ainda que, sociologicamente, isso não diga muito sobre esse público estudado. Já em relação às preferências, o consumo e/ou usufruto da literatura, que caracteriza um gosto literário desse público, variava dos romances folhetinescos melodramáticos ao mundo prosaico da crônica (que alçava voos literários e contemplava algumas vezes o estilo médio moralmente peculiar ou irônico dessa prosa). Isso também nos ofereceu mais elementos para avaliarmos a opinião de que a literatura oitocentista que circulou por duas regiões do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) não tinha um leitor crítico disponível para além dos círculos dirigentes. Isto é, segundo determinada perspectiva, não havia um público portador e suporte da literatura existente que não fosse um público de elite.³

Depois de mapear e interpretar o público – através da frequência de leitores numa biblioteca particular, de testemunhos de leitura, de cartas endereçadas à redação de jornais etc. – a tentativa foi estudá-lo enquanto *grupo social portador e suporte de determinada literatura*, buscando localizar e caracterizar a posição social que tal público ocupava frente a três escritores (Alexandre Dumas, José de Alencar e Fagundes Varela) e suas respectivas produções folhetinescas (romance e crônica).

Em função disso, o livro inicia-se com esta introdução, mais um preâmbulo e três partes contendo diferentes “momentos”, cada qual recebendo uma marcação espacial e temporal: Preâmbulo: Rio de Janeiro, 1827-1861; Rio de Janeiro, 1860-1870; Rio de Janeiro, 1854 e São Paulo, 1866-1867.

Assim sendo, o ponto de partida envolve os anos de 1827 e 1861, buscando acompanhar o desenvolvimento da imprensa folhetinesca no Rio de Janeiro, atrelada à presença das obras de Alexandre Dumas em dois jornais do Império (*Jornal do Commercio e Correio Mercantil*), e o aparecimento dos gabinetes de leitura no Rio de Janeiro. Estamos em

2. O termo utilizado por Marlyse Meyer é “classe média em gestação”. Ver Meyer 1998, p. 90.

3. Até aqui tomo como parâmetro e baliza o ensaio de Candido 1987[2003, pp. 140-162].

1860, e durante uma década, dentro do Gabinete Português de Leitura, um público leitor médio apresentar-se-á como portador e suporte de Alexandre Dumas, embora outros escritores de romances também tenham presença. Depois disso, o livro recua no tempo, para o ano de 1854, em função de uma contingência: um dos leitores localizados dentro do Gabinete Português na década de 1860 fez parte, anos antes, de uma querela literária com José de Alencar, no momento em que esse publicava as crônicas *Ao correr da pena*, no jornal *Correio Mercantil*. Finda a análise das crônicas de jornal no Rio de Janeiro, bem como mapeada e caracterizada uma fração do público leitor do folhetim (romance e crônica), o livro deixa a Corte e segue para São Paulo, para encontrar, em 1866 e 1867, outros leitores da crônica de jornal publicadas no *Correio Paulistano*, sob autoria de Smarra, pseudônimo de Fagundes Varela.

Como vemos, o livro está organizado temporal-espacialmente em função da presença do público leitor do folhetim ao longo do século XIX. Isso explica os saltos no tempo e no espaço, as idas e vindas, bem como a escolha de jornais, livros, traduções ou de diferentes espaços de sociabilidade e literatura (como os gabinetes) selecionados para avaliar a sua demarcada presença.

Dada a variedade e amplitude da literatura brasileira e estrangeira no século XIX e seus públicos, este livro – ao eleger o estudo de três escritores e suas respectivas obras e frações de público –, lida com diversas lacunas e/ou ausências, que se justificam por fazerem parte de escolhas fundadas num perspectivismo histórico orientado para o estudo de “momentos” da literatura brasileira e estrangeira, em língua vernácula. Elegem-se alguns desses momentos e excluem-se outros de uma constelação de situações, partindo sempre de um problema particular – circunscrito, limitado – a partir do qual se buscou construir um argumento: existe uma fração do público literário gestando a prosa ficcional de três escritores (Alexandre Dumas, José de Alencar e Fagundes Varela), mas a posição social desse público ainda carece de caracterização, análise e interpretação.

O movimento vai em direção ao mais específico e busca ensaiar a difícil tarefa de ver o simples diante do mais complexo, apoiando-se num conjunto restrito de “momentos”, extraídos de uma constelação de situ-

ações nas quais escritores, obras e públicos interagem graças à presença marcante da prosa ficcional folhetinista.⁴

O folhetim representava um novo *gosto literário* de uma época, sendo que a questão do gosto implica sempre uma espécie de relação entre escritor e leitor, e as preferências literárias construídas socialmente e encarnadas por esse último. O gosto literário é o assunto central da Sociologia da Literatura, e a síntese operante é que toda literatura, bem como as outras formas de arte, não depende exclusivamente de causas espirituais. Antes, o que importa é sua materialidade, por sua vez, reconhecida nos grupos sociais que encarnam determinadas preferências literárias.⁵

Reconhece-se, portanto, um público literário pela sua fisionomia de grupo social e pelo gosto literário que procura gestar. Desse modo, é uma característica fundamental do público literário apresentar-se como portador e suporte da literatura. Nesses termos, este livro resulta de uma pesquisa sociológica de literatura e sociedade: busca-se dar referências da estrutura social de um público de ficção no Brasil imperial a partir da análise e interpretação do fato literário. Isso implica dizer que o ponto de partida da discussão sociológica foi fornecido pelo estudo da literatura, mas com o objetivo de reconstruir aspectos da sociedade oitocentista brasileira. Claro que certas vezes as duas dimensões se misturam, pois texto e contexto se constroem numa interação dinâmica ou, se preferirmos outro esquema explicativo, o fato literário é ele mesmo um fato (um feito, uma fabricação) social. Por tudo isso, este livro – quando busca apresentar a estrutura social de um público existente – não é um estudo de estratificação social. Os sistemas classificatórios, como *status*, *grupo social*, *elite* etc., que têm presença aqui, são constitutivos da sociologia da literatura dedicada ao estudo do fato literário e suas modalidades de abordagem – o livro, a leitura, a literatura – e não a sociedade por ela mesma.⁶ Por fim, o estudo do *público* de literatura não implica numa reflexão sobre seu léxico, mas

4. Sigo lendo Meyer 1998 e também Candido 1981[2000].

5. O estudo do público como grupo social tem como referência a sociologia de Krauer 1963[2009]. Ver também Simmel 1917[2006]. Sobre o grupo social e gosto literário a referência é Schücking 1931[1960, p. 79].

6. Sobre as modalidades de abordagem da sociologia da literatura ver Escarpit 1958, pp. 5-15.

na instrumentalização de uma categoria de análise para buscar compreender aspectos culturais de uma dada sociedade.

Nesses termos, o público literário é uma questão eminentemente sociológica, e compreendê-lo é o mesmo que entrar em contato com certo número de relações sociais construídas a partir do fato literário.⁷ Por isso, estudar escritor, obra literária e público de maneira correlacionada é um dos desafios da Sociologia desde a primeira metade do século XX⁸ e ainda hoje. É a partir dessa perspectiva que nasce uma das modalidades de estudos dentro da Sociologia, a chamada Sociologia da Literatura, que tem como um de seus pressupostos investigar o público portador e suporte da literatura em diferentes épocas; a Sociologia da Literatura deve respeitar, portanto, a especificidade do fato literário.⁹

O presente livro, dessa forma, vincula-se à Sociologia da Literatura voltada à compreensão do público e do gosto; leia-se uma espécie de sociologia do público literário. Com essa modalidade, busca-se estudar o grupo social que gesta a literatura folhetinesca, ao mesmo tempo em que considera o folhetim um novo gosto literário no Brasil oitocentista, condicionado a situações específicas relacionadas a fenômenos sociais como movimentos emigratórios, comércio do livro, circulação transatlântica do romance oitocentista, gabinetes de leitura etc.

Para a investigação desse fenômeno sociológico, é necessário enfrentar alguns desafios: localizar, em suas respectivas associações e instituições (gabinete, faculdade, sobrados etc.), os diferentes grupos de estudantes, de famílias, de emigrantes, e de que maneira gestam determinado gosto literário; pesquisar, pela análise qualitativa, documentos, cartas, manuscritos, quadros e tabelas etc. existentes sobre o século XIX e de

-
7. A armação do meu problema e a alavancagem da discussão sobre o público literário são devedoras das perspectivas sociológicas de Antonio Candido e Erich Auerbach. Ver, respectivamente, Candido 1965[2000, pp. 67-81, pp. 127-151] e Auerbach 2007, pp. 213-255.
 8. Refiro-me, sobretudo, aos trabalhos pioneiros de Sociologia da Literatura de Schücking 1923[1960] e Escarpit 1958.
 9. Também sobre algumas modalidades da Sociologia da Literatura ver Candido 1965[2000, pp. 10-14]; sobre seus “léxicos”, ver Altamirano e Sarlo 1980. Para outros trabalhos sobre a Sociologia da Literatura com ênfase na questão do público, ver Dufrenne 1949 e Salomon 1974.

que maneira apresentam evidências sobre o público; realizar a explicação do texto, que deve impor à modalidade sociológica aqui em questão um diálogo constante com outras áreas do conhecimento, como a estética do efeito e da recepção (quando tende para a Sociologia do leitor), a Filologia (orientada para os estudos literários), a História cultural, a Teoria e a Crítica literária.¹⁰

O que estrutura este trabalho é a tentativa de compreender uma fração do público como grupo social, portador e suporte do folhetim (romance e crônica). Esse último, reitero, representado por escritores como Alexandre Dumas (romance), José de Alencar (crônica) e Fagundes Varela (crônica). Sobre a soma desses escritores e suas obras, pode-se dizer que ela não forma uma totalidade que abranja a complexidade da literatura oitocentista e de seu público no Brasil no século XIX. Ainda que se considere frutífero o conceito-chave “sistema literário” (Candido 1997[1999, p. 15 e p. 128]) - a partir do qual escritores, obras e públicos, articulados por uma “tradição” comum, interação entre si -, nossa tríade é representada por um número reduzido de escritores, obras e públicos; desse modo, muitos complementos seriam necessários para abarcarmos a completude que envolve o sistema literário nacional.

No sistema literário, conforme proposto por Antonio Candido - em que uma literatura nacional é capaz de exprimir de maneira adequada sua realidade própria e, ao mesmo tempo, interpretar a si mesma, dentro da dialética do localismo e do cosmopolitismo (Candido 1981[2000, vol. 1, pp. 23-25, vol. 2 pp. 11-12]) -, não são contempladas as inúmeras obras produzidas internacionalmente, embora recepcionadas em solo nacional ao longo do século XIX. Segundo essa abordagem, a literatura brasileira apresenta-se como um “ramo” da literatura europeia (particularmente da portuguesa), sendo que essa última, ora desempenha influência ora serve como parâmetro para avaliarmos a situação da literatura nacional.

10. Sobre o método da explicação de texto, ver Auerbach 1945 [2001, p. 501]. Sobre a Estética do efeito e da recepção tender à Sociologia da leitura, ver Costa Lima 2007, pp. 278-279. Acerca da interpretação textual orientada para a construção dos tipos ou feições de leitores, Sartre 1947 [2004, pp. 58-166] e também Wolff *apud* Iser 1976[1985, p. 64]. A respeito da Sociologia da leitura ver Horellou-Lafarge e Segré 2003.

Em nenhum momento, porém, as obras traduzidas são contempladas e consideradas constitutivas de nossa história da literatura. Assim, prescinde do sistema literário brasileiro a tradução de um escritor como Alexandre Dumas e a apropriação pelo público brasileiro do seu romance-folhetim.

O presente livro considera que para contar parte da história cultural da literatura brasileira no século XIX, atravessada por um estudo de um público de literatura, é preciso levar em conta também os processos de tradução e apropriação de Alexandre Dumas (Abreu 2008, pp. 11-19), conjuntamente com o desenvolvimento da imprensa folhetinesca no Brasil, atrelado ao aparecimento dos gabinetes de leitura (Schapochnik 1999, p. 43), com destaque para o Gabinete Português de Leitura, agremiação cujo gosto literário pelo folhetim é uma marca. É a presença de um modelo literário transatlântico, o folhetim francês, que conta, inicialmente, para compreendermos as traduções de Dumas e os modelos de crônicas-folhetins apropriadas por José de Alencar e Fagundes Varela. Compreender a presença de Dumas no Brasil e o sentido que os escritores brasileiros (Alencar e Varela) deram ao fenômeno do folhetim, ele mesmo consequência “mondialisation de la fiction” oitocentista (Mollier 2008, pp. 225-238), é fundamental para criarmos outro universo de sentido acerca dos públicos leitores da prosa ficcional do século XIX.

Assim temos, precisamente, constituída uma unidade de assunto: a necessidade de estudar o público como grupo portador/suporte de uma literatura folhetinesca. No que diz respeito a uma unidade de exposição – arquitetando os diferentes momentos em que escritores e obras selecionados orientam a investigação do público –, esta será apresentada no transcorrer do livro (preparada e anunciada no preâmbulo e desenvolvida em cada um dos momentos estudados).

No plano da forma, foi a necessidade de estudar um público que se manifestava a partir do contato com a literatura folhetinesca do Segundo Reinado que orientou a escolha de algumas literaturas e a exclusão de outras. Nesse sentido, elegi escritores e obras, sempre pautado pela manifestação do público: onde ele se fazia presente, ali eu selecionava e submetia minha análise e interpretação, tentando fazer isso não de forma arbitrária, mas buscando seguir alguma lógica interna dos objetos, atribuindo sentidos a eles. Dentro disso, sobre a questão da unidade entre as

partes, o livro poderia ser lido como um conjunto de ensaios independentes entre si, embora interligados por um aspecto em comum, o de tornar conhecida uma parcela do público literário que foi deixada de fora da história da literatura brasileira. Em três diferentes momentos, tomaremos conhecimento do público de três escritores e suas respectivas produções, com a expectativa de alcançar unidade interna entre as partes e apresentar ao leitor alguns elementos constitutivos de uma fração do público literário no Rio de Janeiro e São Paulo no Segundo Reinado.

Quanto ao referencial teórico, este livro, além de se orientar pelas teorias do público e do gosto literário, dialoga substancialmente com a teoria simmeliana dos grupos sociais e dos pequenos espaços, com alguns expoentes do pensamento social brasileiro, com destaque para Antonio Candido, e incorporou, guardadas as proporções, as contribuições consideradas férteis da teoria e história cultural e suas fontes, onde destacamos a obra de Jean-Yves Mollier e Marcia Abreu, entre outros autores dessa modalidade de conhecimento mencionados ao longo do livro. Ainda em termos teóricos, é no Preâmbulo, visto como um “ponto de partida”, que indico a noção de “transferência cultural” que vai percorrer em vários momentos o livro, bem como apresento a tradução de Alexandre Dumas no Rio de Janeiro como um exemplo de produção e circulação de romance entre diferentes espaços nacionais. Essas análises iniciais (preâmbulo), a partir de alguns momentos da história da literatura, são necessárias para aquilo que irá se irradiar nas três partes subsequentes acerca da explanação teórica e da análise documental e ficcional do público literário.¹¹

Em relação à cada parte, nas duas primeiras a discussão centrou-se numa comunidade de emigrantes portugueses do Rio de Janeiro; na última parte, o público de São Paulo também aparece localizado numa espécie de comunidade, formada inicialmente por estudantes, depois pelas famílias de São Paulo, além dos tipógrafos e livreiros – sendo que esse coletivo de tipos sociais representa a “comunidade paulistana”. Como vemos, o estudo de uma fração do público em São Paulo e no Rio de Janeiro concentrou-se em determinados tipos sociais encontrados dentro de duas comunidades, na situação em que a “comunidade” não é mais a matriz

11. Sobre “Pontos de partida” como “método”, ver Auerbach 2007, pp. 368-371.

de existência no século XIX, mas a “sociedade”, organizada por uma situação estamental-escravista (Faoro 1974[2001, pp. 13-39] e Martins 1973, pp. 30-36). Trata-se de uma “comunidade de leitores” localizada em duas regiões do país, graças à pesquisa documental e análise sociológica da literatura. São *leitores* expostos *nas tintas e no papel* de documentos e da ficção oitocentista.

Partindo dessas ponderações, resta apresentar algumas categorias analíticas que terão presença neste livro para caracterização, análise e interpretação do público literário.

Em determinadas pesquisas de Sociologia do público e do gosto não há como fazer uma abordagem direta dos “consumidores” e “leitores” de literatura, apenas lidar com os vestígios deixados por um público literário que não existe mais. Encontrar os testemunhos de práticas plurais da leitura no século XIX no Brasil não é uma tarefa fácil, embora existam algumas pistas deixadas pelos “leitores de carne e osso”. Neste livro lidamos com registros de leitores encontrados dentro de uma biblioteca particular e testemunhos de leitura (“leitor factual”) e com a interpretação dos tipos de leitores enunciados em alguns textos (“leitor ficcional”).¹²

O público literário é uma categoria sociológica orientada para compreensão da literatura em diferentes momentos, e nesse processo será necessário operar com duas noções e seus respectivos termos:

- Leitor factual: *público consumidor e público leitor [ou testemunhas de leitura]*
- Leitor ficcional: *público-externo e público-interlocutor [ou destinatários específicos]*

Essa diferenciação deve-se ao fato de que em alguns momentos chamei o leitor factual de *público consumidor*,¹³ que é aquele que consu-

12. Variados autores, guardadas as devidas proporções, têm buscado enquadrar, classificar, avaliar, compreender, interpretar etc., os leitores dentro e fora do texto. Ver Iser 1976[1985]; Sartre 1947[2004]; Wolff 1971; Escarpit 1958; Eco 1979[2004]; Guimarães 2004.

13. O termo “público consumidor” e outros, relativos à questão da caracterização do público leitor, já aparecem antes nas análises de Meyer 1996, p. 33.

miu livros, sem oferecer pistas de seu ato de leitura (não houve testemunho de leitura, mas aquisição de livros). Consumo sem leitura interessa dentro da perspectiva do “ciclo econômico do livro”, isto é, implica sua produção e circulação, conseqüentemente, consumo, mas não o ato de leitura¹⁴ [ver discussão na parte dedicada ao Rio de Janeiro, 1860-1870]. Enquanto em outros momentos o leitor factual apresentava-se como *público leitor* com base nas *testemunhas de leitura* encontradas [ver discussão na segunda parte, Rio de Janeiro, 1854].

Sobre os termos *público-externo* e *público-interlocutor* [ou *destinatários específicos*] do leitor ficcional, empresto-os de Robert Escarpit, mas dou um sentido particular a eles: o *público-interlocutor* teve presença quando o escritor e o leitor, ainda que não fizessem parte do mesmo círculo de relações, pelo menos tinham interesses em comum, configurando algum tipo de intimidade. Durante as análises do *público-interlocutor*, o termo ganhou três divisões: *família patriarcal*, *comunidade de estudantes* e *produtores de estrangeirismos* (esse último representado por folhetinistas, tipógrafos, livreiros etc.); já o *público-externo* está aberto, pode chegar a ser anônimo e tem um caráter mais popular (ou é tratado como tal), também chamados de *leitores-assinantes* [ver discussão na última parte, São Paulo, 1866-1867].

Quando, portanto, o assunto for os tipos de leitores interpretados a partir do texto literário (leitor ficcional), devemos lembrar de que se trata daquele leitor que se fez no papel e nas tintas da ficção e não no contexto, na vida “real”, por sua vez, registrada também em papeis e documentos. Baseado em hipóteses construídas mediante interpretação textual, esses tipos de leitor ficcional são passíveis de verificação sociológica através do tipo social. A tipologia de leitor é, portanto, um ponto de encontro perante as generalizações proporcionadas pela interpretação textual. Isso significa que, diante do leitor ficcional, toda construção interpretativa vai resultar numa tipologia, que vou buscar compreender na qualidade de grupo social.

Feitas essas últimas ponderações, passo agora à discussão da noção de “transferência cultural” e ao caso de tradução e apropriação de Alexandre Dumas no Rio de Janeiro oitocentista a partir de dois jornais (*Jornal do Commercio* e *Correio Mercantil*).

14. Sobre o conceito de consumo literário, ver Escarpit 1958, pp. 117-119. Em relação à leitura e suas práticas, ver Chartier 1985[1996, pp. 77-103].